

# A bioética no e para o contexto latino-americano e caribenho numa perspectiva nova, libertadora e alternativa

*Bioethics in and for the latin american and caribbean context in a new, liberating and alternative perspective*

*Bioética en y para el contexto latinoamericano y del caribe en una perspectiva nueva, liberadora y alternativa*

Luiz Augusto de Mattos\*

Pensar a bioética, como ética da vida digna e justa, dentro da realidade continental latino-americana e caribenha implica ter como uma das preocupações o compromisso com a vida humana, com a natureza e com toda a realidade planetária<sup>a</sup>, sobretudo em relação à vida mais vulnerável, oprimida e excluída. É ir ao encontro da experiência da verdade, da bondade e da beleza! É debruçar sobre o nascer, o sustentar/conduzir e o morrer da vida em qualquer nível. Como se afirma: “a bioética se apresenta como a procura de um comportamento responsável por parte daquelas pessoas que devem decidir tipos de tratamento, de pesquisa ou de outras formas de intervenção relativas à humanidade e ao próprio biosistema terrestre”<sup>b</sup>.

O Magistério da Igreja Católica tem demonstrado preocupação com a situação de vida em que vivem milhões de seres humanos, e ao mesmo tempo com o progresso científico e (bio)tecnológico que comprometem o futuro da vida na Terra<sup>b</sup>. Há que nascer uma consciência coletiva e responsável que incorpore mais e mais uma pre-

ocupação e uma prática que leve a mudanças estruturais pela garantia da vida em nossa “Casa Comum”.

Nesse sentido, comprometer-se com uma atitude bioética na atual conjuntura societária deve e/ou pode significar, entre outras coisas, assumir um compromisso a partir da defesa e da promoção da vida, o que exige abraçar uma tarefa-missão ou um engajamento político de trabalhar em prol de uma ação ética da solidariedade, do cuidado e da responsabilidade, como também a favor dos limites da manipulação da vida e da equanimidade<sup>c</sup> na distribuição dos benefícios do progresso científico e (bio)tecnológico. E ainda: há que compreender que, onde a vida grita, anseia e sonha pela “Terra Prometida”, brota a provocação e a interpelação por atitudes, opções e projetos que deverão apontar para práticas orientadas em direção a essa vida. Isso significa entender o que é viver a passagem bíblica de Mt 25,31-40 ou trabalhar por uma utopia factível, acreditando que os ossos reviverão – Ez 37,1-10, ou que a vida poderá renascer – 1Rs 17,7-16.

a. O compromisso com as grandes Causas tem levado alguns pensadores e militantes a prepararem um Declaração do Bem Comum Planetário, o qual expressa os seguintes compromissos: “1. O Pacto ecológico natural, responsável de proteger a Terra; 2. O Pacto ecológico social, responsável de unir todas as esperanças e vontades; 3. O Pacto ecológico cultural, que deve estar baseado na promoção do pluralismo, da tolerância e do encontro da Humanidade com os ecossistemas, os biomas, a vida do Planeta; 4. O Pacto ecológico ético espiritual, fundado na dimensão do cuidado, a compaixão, a corresponsabilidade de todos com tudo” (Casaldáliga P. Salvemo-nos com o Planeta. In: Agenda latino-americana mundial; Out 2009).

b. “A história da humanidade é testemunhada, por outro lado, de como o homem tem abusado, e ainda abusa, do poder e das capacidades que lhe foram confiados por Deus, dando lugar a *diversas formas de discriminação injusta e de opressão* para com os mais fracos e os mais indefesos. Os cotidianos atentados contra a vida humana; a existência de grandes áreas de pobreza, onde os homens morrem de fome e de doença, excluídos dos recursos cognoscitivos e práticos que muitos países possuem em superabundância; um progresso tecnológico e industrial que está criando o risco concreto de queda do ecossistema; o uso das investigações científicas no âmbito da física, da química e da biologia para fins bélicos; as numerosas guerras que ainda hoje dividem povos e culturas são infelizmente apenas alguns sinais eloquentes de como o homem pode fazer mau uso de suas capacidades e tornar-se o pior inimigo de si mesmo, perdendo a consciência de sua alta e específica vocação de colaborador da obra criadora de Deus”. Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução *Dignitas Personae* sobre algumas questões de bioética; 2008.

c. “Vale dizer que o verdadeiro significado de equidade não é o mesmo de igualdade. A igualdade é a consequência desejada da equidade, sendo esta só o ponto de partida para aquela. É por meio da equidade, ou seja, do reconhecimento das diferenças e das necessidades diversas dos sujeitos sociais, que se alcança a igualdade. A igualdade não é mais um ponto de partida ideológico visto de forma exclusivamente horizontalizada e que tendia a anular as diferenças, mas sim o ponto de chegada da justiça social, referencial dos direitos humanos mais elementares, em que o objetivo futuro é o reconhecimento da cidadania. A equidade é, assim, um dos caminhos da ética prática para a realização dos direitos humanos universais, entre eles o direito a uma vida digna, representado nesta discussão pelo acesso a saúde e demais bens de consumo indispensáveis à sobrevivência” (Garrafa V. Por uma ética periférica. Folha de São Paulo, 26 Out 2002, p. 3).

\* Geógrafo, Teólogo e graduado em Estudos Sociais. Doutor em Teologia Moral e Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Diante de uma sociedade atravessada pela injustiça social e pelo fundamentalismo, pelo neo-imperialismo e pelo mercadocentrismo, pela globalização capitalista neoliberal e pelo poder tecnológico e científico excludente, urge reinventar nossa presença eclesial, social e política no mundo. A necessidade de viver uma diaconia samaritana (Lc 10) verdadeira e profunda com os pobres e excluídos, a importância de se preparar frente às novas conquistas científicas e tecnológicas, a exigência de continuar alimentando uma fé viva e libertadora diante das idolatrias; o sentido profundo e fundamental de cultivar a utopia no Reino representa realidade da qual não se pode descuidar, descartar e prescindir quando se trata da ética da vida.

Ademais, uma ação cuidadora e promotora da vida tem que ser construída por: a) uma *perspectiva globalizante*, a qual articula com todos os níveis e dimensões que fazem parte da vida; com uma visão de interdependência e inclusividade; e a preocupação com o bem de todos; uma visão que preferência a realidade do Sul; b) um *estatuto epistemológico*, o qual parte da multi-transdisciplinaridade; da secularização; do pluralismo moral, étnico e cultural; da autonomia e liberdade responsável dos indivíduos; de um paradigma mais eco-holístico-planetário; c) uma *antropologia humanocêntrica*, pluridimensional, inculturada e realista; e d) uma *dinâmica articuladora* entre o global e o local, o indivíduo e o coletivo, o privado e o público.

A bioética, como compromisso que deverá construir uma “morada habitável” para toda a humanidade, exige que a vida humana deixe a mediocridade, a indiferença, o mesmismo, a covardia, a acomodação, o aburguesamento, e vá ao encontro dos “Sinais dos Tempos”. Esses “Sinais dos Tempos” se manifestam em vários fatores, por exemplo: a emancipação da mulher em um mundo patriarcal; a conquista do ser sujeito na luta pela cidadania; o trabalho de ONGs em defesa da ecologia e do Planeta; a interação, cada vez maior, entre os povos e Continentes; o protagonismo dos leigos e leigas em experiências eclesiais; a força da secularização e do processo democrático em muitos países quando se trata de questões ligadas à vida; a importância da ética da autonomia, da liberdade e da responsabilidade na vida de muitas pessoas e famílias; a organização de alguns povos indígenas; a mobilização dos povos pobres em algumas regiões; as conquistas que se dão na medicina e outras ciências; organizações que vão ao encontro de questões dos mundos dos últimos, como exemplo, temos o Fórum Social Mundial. Enfim,

uma grande transformação no nível da consciência, da organização e da mobilização vem sendo acontecimento em vista do cuidar e do defender a vida em muitos cantos da Terra.

Compreender e interagir com essa realidade só é possível a partir das ciências e de uma nova consciência, de um processo de inserção no contexto sociocultural e político, por uma presença de alternatividade e profecia, dialogação responsável e com lucidez crítica com todos os setores e instâncias da sociedade, por meio da humildade e sensibilidade às histórias concretas, sobretudo dos últimos da sociedade. Caso contrário, torna-se difícil testemunhar o cristianismo na perspectiva do Reino. Nesse caso, a “ética da vida” não será assumida como se deve diante de tantas tarefas que as realidades micro, midi e macro nos apresentam.

Não se pode perder a oportunidade que, hoje, se apresenta à humanidade! Oportunidade de se reinventar a dinâmica societária em vista de uma reconstrução do processo civilizatório, tendo como base um novo *ethos* mundial compartilhado por todos. Importa perceber que modelos, crenças, estruturas e certos relatos vindos do passado já não são ou dão respostas que o mundo precisa ouvir e testemunhar. Não se trata de produzir novos documentos e nem é apenas questão de doutrina, mas “questão de prática e testemunho vivos”, de eficiência e visibilidade, de factibilidade e utopia.

Partindo da preocupação com uma *práxis ética*, que leva a sério o compromisso bioético em relação à vida, preferencialmente dos insignificantes, na nossa realidade latino-americana e caribenha, penso que se pode falar de três *critérios orientadores* para a construção de uma bioética nova e inovadora, profética e esperançosa. Vejamos:

**1. Uma ação desde a trilha da ética samaritana** (Lc 10,29-37): urge redefinir nosso compromisso à luz do assumir uma postura social e política ao lado dos pobres, oprimidos e excluídos, rejeitando qualquer aliança e convivência com poderes que negam os valores do Reino. A bioética sem o critério da opção pelos pobres pode ser fonte de opressão e descompromisso com as vidas frágeis e vulneráveis, descuidadas e violentadas em seus direitos inalienáveis. Diante de um Continente onde a grande maioria não tem acesso aos direitos básicos (moradia, saúde, educação de boa qualidade, liberdade, processo democrático, etc.), necessita-se de uma ação corajosa e libertadora para conquistar esses direitos. A diaconia sama-

ritana é busca-conquista de justiça para os empobrecidos, violentados e abandonados, à beira da estrada da história. A partir dos últimos se pode enxergar as consequências da injustiça estrutural, pelo fato dos pobres revelarem, no próprio corpo, os frutos da exclusão, e, assim, iniciar uma práxis verdadeiramente consequente pelo resgate da vida. Como também, à luz da perspectiva dos empobrecidos, se deve viver uma serviçalidade a todas as vidas entristecidas, manipuladas, violentadas, discriminadas, traficadas, etc. Onde a vida não é respeitada, amada e cuidada, cabe uma presença de solidariedade e justiça<sup>d</sup>. A ética samaritana é a realidade a partir da identificação, aproximação, compaixão, cuidado e partilha em relação à toda vida que está à beira do caminho clamando por misericórdia. Sem essa experiência, os milhões de Lázarus do Continente continuarão se alimentando das migalhas do banquete dos donos do Mundo, quando não dos lixões das grandes metrópoles. Como um povo mendicante pode ser sujeito da própria vida e da história societária? Por isso a ultimidade da misericórdia supõe a disponibilidade a ser chamado samaritano *diante dos e para os* que têm contra si todos os poderes deste mundo.

**2. Uma experiência de fé viva e anti-idolátrica:** diante de uma sociedade onde se vive a idolatria do Mercado pela busca do prazer no hiperconsumo e do sacrifício de milhões de vidas<sup>e</sup>; onde tudo se torna mercadoria, inclusive a vida humana, em vista do lucro – daí, por exemplo, o tráfico de vidas e órgãos humanos, a destruição da nature-

za; onde se acredita mais no messianismo vindo da aliança entre ciência, tecnologia e economia, do que na força libertadora de nosso Deus; um mundo no qual se mata em nome de Deus – penso que se deve cultivar uma mística que dê horizonte de sentido e esperanças para continuar resistindo profeticamente e crendo na novidade de uma nova Vida – cf. Is 65, sobretudo nesse mundo atravessado pela implacável luta dos deuses. No atual contexto de pesquisas científicas, pode-se perguntar: não se corre o risco de uma tecnolatria<sup>f</sup> ou messianismo tecnológico e, assim, descartar ou discriminar vidas humanas ou realizar experimentações que violentam a dignidade humana? Ou realizar mutações genéticas nas plantas que compromete a biodiversidade? Inclusive está se tornando cada dia mais frequentes os conflitos gerados entre o desenvolvimento biomédico, os direitos humanos e a sustentabilidade do Planeta. E mais. Perder a fé e a esperança no Deus da vida pode levar-nos a produzir “bezerros de ouro” no deserto das dificuldades, incertezas e falsas promessas. Um grande problema na atualidade é a exigência de sacrifício de vidas (humanas e de toda a natureza) pelos ídolos, em nome do progresso econômico<sup>g</sup>. A bioética não pode deixar de cultivar a vertente da espiritualidade, mais ainda diante de um contexto de tantos ídolos, os quais desumanizam os que lhes rendem culto e ao mesmo tempo exigem vítimas para subsistirem. Diante, por exemplo, das últimas conquistas científicas e tecnológicas, como continuar crendo em Deus e ao mesmo tempo deixar de crer nos ídolos e

d. “Precisamente por causa do mistério do Verbo de Deus que se fez carne (cf. JO 1,14), cada homem está confiado à solicitude materna da Igreja. Por isso, qualquer ameaça à dignidade e à vida do homem não pode deixar de se repercutir no próprio coração da Igreja, é impossível não a tocar no centro da sua fé na encarnação redentora do Filho de Deus, não pode passar sem a interpelar na sua missão de anunciar o *Evangelho da vida* pelo mundo inteiro a toda criatura (cf. Mc 16,15). Hoje, este anúncio torna-se particularmente urgente pela impressionante multiplicação e agravamento das ameaças à vida das pessoas e dos povos, sobretudo quando ela é débil e indefesa. Às antigas e dolorosas chagas da miséria, da fome, das epidemias, da violência e das guerras, vêm se juntar outras com modalidades inéditas e dimensões inquietantes” [João Paulo II. *Evangelium vitae*. 1995;25(3)].

e. “Os dados... mostram que ‘nos países industrializados o consumo por habitante aumenta, regularmente há 25 anos, num ritmo de 2,3% a ano. Enquanto isso, hoje, um lar africano, médio, consome 20% a menos do que há 25 anos. O 20% mais pobres do mundo são os deixados-por-conta pela explosão do consumo. Mais de um bilhão de pessoas estão incapacitadas de satisfazer as suas necessidades essenciais de consumo. Dos quatro bilhões e quatrocentos milhões de habitantes dos países em desenvolvimento, três quintos não têm acesso à infraestrutura sanitária. Um quarto não dispõe de uma habitação. Um quinto não tem acesso aos serviços de saúde. Um quinto das crianças abandonam a escola antes do quinto ano de escolaridade. Dois bilhões de pessoas no mundo sofrem de anemia. Desses, 55 milhões vivem nos países industrializados’. As desigualdades no consumo são gritantes. Em escala mundial, 20% das pessoas humanas vivem nos países ricos e partilham 86% do consumo privado total, contra uma parte ínfima – 1,3% - para os 20% das pessoas que vivem nos países mais pobres. Explicitando mais ainda, os 20% mais ricos: comem 45% da carne, enquanto os 20% mais pobres consomem 5%; consomem 58% da energia total, enquanto os 20% mais pobres consomem 4%. Dispõem de 74% das linhas telefônicas, enquanto os 20% mais pobres dispõem de apenas 1,5%; consomem 84% do papel utilizado no mundo, enquanto os 20% mais pobres consomem somente 1,1%; possuem 87% dos veículos que circulam no mundo, enquanto os 20% mais pobres possuem 1%” (Neutzling I. Por uma sociedade e um planeta sustentáveis. In: Osowski C, organizador. *Teologia e humanismo social cristão*. Vale do Rio dos Sinos: Unisinos; 2000. p. 182-3).

f. “A tecnologia impulsionada pela crença amplificou exponencialmente a assimetria de poder desde o pós-guerra, tornando as relações totalmente desiguais. Saber e poder, associados, instituíram a Santíssima Trindade da nova crença imposta pela minoria dominante. O saber, a ciência, é o Pai. O poder, a tecnologia, é o Filho, corporificado nos artefatos tecnológicos que transformam, maravilham e atemorizam o cotidiano. E o Espírito Santo é a mão invisível que entre eles toca, com as garras do sistema econômico, os corpos e os espíritos. A eficácia santifica a crença nessa ideologia que conduz os rumos do saber e alimenta o poder da minoria dos habitantes do planeta. A associação entre a eficácia e o bem, e entre a ciência e a verdade, sustenta a exploração do sistema econômico e a opressão política” (Garrafa V, Porto D. *Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção*. In: Garrafa V, Pessini L, organizadores. *Bioética: poder e injustiça*. São Paulo: Loyola; 2003. p. 43).

g. O Magistério da Igreja tem-se mostrado preocupado com o “eclipse do sentido de Deus”. Por isso afirma na *Evangelium vitae*. Quando se procuram as raízes mais profundas da luta entre a ‘cultura da vida’ e a ‘cultura da morte’, não podemos deter-nos na noção perversa de liberdade acima referida. É necessário chegar ao coração do drama vivido pelo homem contemporâneo: o eclipse do sentido de Deus e do homem, típico de um contexto social e cultural dominado pelo secularismo que, com os seus tentáculos invasivos, não deixa às vezes de pôr à prova as próprias comunidades cristãs. [...] Aliás, uma vez excluída a referência a Deus, não surpreende que o sentido de todas as coisas resulte profundamente deformado, e a própria natureza, já não vista como mater [mãe], fique reduzida a ‘material’ sujeito a todas as manipulações. A isto parece conduzir certa mentalidade técnico-científica...” (p. 21-2).

lutar contra eles? Por isso se exige de todo ser humano não só que escolhamos entre fé e ateísmo, mas, antes de tudo, entre fé e idolatria! Sempre é preciso ter uma resposta clara em que Deus se crê e em que ídolo não se crê. Será que muitas injustiças no tratamento da vida humana, sobretudo diante de uma vida insignificante para a sociedade da eficiência e da competitividade, não se dá por uma crença a certos ídolos? Sem uma *mística* ou *espiritualidade do Reino*, fica muito complicado crer na ressurreição dos corpos pobres, sobrantes e vulneráveis em algumas instituições de saúde ou por meio de algumas políticas públicas. A espiritualidade em bioética tem que apontar para toda atividade que tenha como centralidade a vida e não a vontade de sujeitar, dominar, discriminar, etc. As obras à luz de uma fé no Deus da Vida tem como fruto o amor desinteressado, a capacidade de abertura a todo tipo de alteridade e ao respeito incondicional à vida fragilizada, impotente e enfermejada.

**3. Cultivar na realidade terrenal e dentro do factível a Utopia reinocentrista (JO 10,10):** em uma ação bioética, é fundamental não perder a perspectiva do Reino. Isso implica redefinir as atividades à luz de critérios, princípios imprescindíveis para uma verdadeira transformação de tudo o que viola e nega os direitos fundamentais para uma vida digna e justa. Exemplificando: quando se fala de justiça, há que trabalhar pela justiça mínima em todos os níveis<sup>h</sup>, por isso não se pode aceitar que uma fração da burguesia globalizada controla *cinco oligopólios*: o tecnológico, o dos recursos naturais do planeta, o dos meios de comunicação de massa, o dos mercados financeiros, o dos meios de destruição maciça. Tudo contribui para que o

sistema socioeconômico mundial funcione “bem apenas para um terço da humanidade. Os demais dois terços, que são cerca de quatro bilhões de pessoas, compõem o quadro de sofrimento e miséria”<sup>i</sup>. Na presente ordem mundial, o que decide são as instâncias econômicas<sup>j</sup>. A ética é refém da economia. Nesse quadro, quem decide pela “justiça” são os três organismos de gerenciamento da ordem econômica mundial: o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Por isso, diante da irracionalidade da atual globalização capitalista neoliberal, cabe bioeticamente construir uma estratégia que tenha elementos como: deslegitimar a lógica do sistema, encontrar formas de expressão de uma política de alternatividade, construir convergência entre esforços e redes para operarem contra a ordem sistêmica e alimentar a utopia além de trabalhos que apontam conquistas a curto e médio prazo. E ainda: se acreditamos que “Um outro mundo é possível e necessário”, é fundamental trabalhar em prol de uma democracia que apresente as seguintes características<sup>k</sup>: não há justiça social global sem justiça cognitiva global; a imaginação democrática e os processos de democratização têm de incluir a democratização das subjetividades; a democracia implica uma luta pela demodiversidade; as democracias devem ser hierarquizadas segundo a intensidade dos processos de autoridade partilhada e da reciprocidade do reconhecimento; a democracia participativa local se sustenta com a democracia participativa em nível nacional e nenhuma dessas sem a democracia participativa em nível global, etc. Também não se pode iludir com uma *situação paradisíaca* quando se trata de utopia!<sup>k</sup>

h. Cf. Boff L. Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: direitos e deveres de todos. p. 175-80. v. 1.

i. *Ibid.*, p. 175. Também o pesquisador em bioética V. Garrafa afirma: “Embora a bioética exija respostas pluralistas, para os países periféricos e pobres do hemisfério sul não é suficiente a aceitação acrítica das propostas, tampouco das amarras (ou limitações) conceituais sobre bioética vindas dos países centrais e ricos, onde as discussões giram preferencialmente em torno de avançadas situações-limite decorrentes do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Temos o compromisso de aproveitar a abrangência e oportunidade que a bioética proporciona em se tratando de uma nova disciplina que estuda a ética das situações de vida, ampliando seu campo de influência teórica e prática desde as situações persistentes ou cotidianas (como a fome, o abandono, a exclusão social, a má distribuição de recursos escassos, o racismo, o tratamento discriminatório dispensado aos excepcionais, o aborto, a eutanásia...) até as situações emergentes, de limites ou de fronteiras (novas técnicas reprodutivas, engenharia genética, transplantes e doação de órgãos, etc.)” (Garrafa V. Bioética e manipulação da vida. In: Novaes A, organizador. O homem-máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras; 2003).

j. “O desenvolvimento científico e tecnológico tem sido amargamente excludente. Os benefícios proporcionados pelas descobertas do século passado continuam inacessíveis para mais de dois terços da população mundial. Enquanto cidadãos africanos de Serra Leoa ou Maláui mal vivem além de 40 anos de idade, japoneses, europeus e norte-americanos alcançam os 80. Da mesma forma, a malária, que vitimou aproximadamente 2 milhões de pessoas em 1999, teve um montante de investimento em pesquisa equivalente a 2% do destinado à AIDS, que causou igual número de óbito naquele ano. Se antes do processo de globalização econômica os interesses e as diferenças sociais eram grandes, agora são assustadoramente maiores. O que hoje define as prioridades na construção de sistemas de saúde pública não são as demandas ou as necessidades detectadas na realidade social, é o mercado. E, em última análise, é esse mesmo tipo de mercado mecânico e perverso que determina as formas de nascimento, vida e morte; aquelas pessoas que devem viver mais ou menos. A concentração de poder é crescente e as regras do jogo unilaterais e desequilibradas protegem cada dia mais os países ricos” (Garrafa V. Por uma ética periférica, op.cit.).

k. “A ordem social perfeita, a nova sociedade sem sofrimento, opressão e injustiça, de harmonia perfeita, não somente não é possível de ser construída no interior da história, como também não deve ser desejada. Isso mesmo! Não devemos desejar a construção desta ordem social ‘perfeita’. O que desejamos é um horizonte utópico do Reino de Deus, e devemos sempre nos lembrar que este horizonte, como todo horizonte, só é atingível pelos olhos dos desejos, mas é impossível de ser alcançado pelos nossos passos humanos. O que podemos e devemos construir é uma sociedade mais justa, mais humana, mais fraterna, mas que sempre conviverá com a possibilidade de erros e problemas, intencionais ou não. Cristianismo não é uma proposta de sair do mundo, das contradições e possibilidades inerentes à condição humana, mas, pelo contrário, é a de amar a nossa condição humana e a de viver a liberdade e o amor dentro dos limites do condicionamento humano. É a experiência do definitivo, do absoluto, no interior da provisoriedade da história humana. É a proposta de fé em um Deus que se esvaziou da sua divindade e se fez humano, se fez servo (cf. Fl 2,7). Este é o escândalo do cristianismo!” (Sung JM. Sujeito e sociedades complexas. Para repensar os horizontes utópicos. São Paulo: Vozes; 2002. p. 56).

Sem dúvida, o que foi dito acima aponta propostas para um compromisso mais sério e responsável dentro do nosso Continente. A bioética implica mudança de paradigma civilizatório e modelo de vida sociocultural e político-econômico que promovem a sustentabilidade planetária, em vista de garantir o futuro da vida de todos os seres vivos e a preservação da natureza *na e da* Terra, e, sobretudo uma ação responsável do ser humano como ser da Terra, pela Terra e com a Terra.

Estou convicto de que viver bioeticamente e trabalhar por uma bioética compromissada com a vida de todos(as) só é possível desde que aconteça uma fé pascal autêntica: para a novidade de Deus no cotidiano da história, para uma solidariedade profética junto ao povo pobre e excluído e para uma defesa ousada e esperançosa da justiça humana e ecológica, sempre acreditando que uma outra morada terrenal, onde todos serão acolhidos e participarão fraternalmente do *banquete da vida*, é factível e imperativo fundamental e urgente.

Recebido em: 03 de novembro de 2009.  
Aprovado em: 09 de dezembro de 2009.